



ARTIGO DE REVISÃO

ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES POR HIV ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL, NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS

Analysis of the Epidemiological Profile of HIV

Hospitalizations Among Children and Adolescents in Brazil Over the Last Five Years

ISSN: 2178-7514

Vol. 16 | Nº. 2 | Ano 2024

Maria Claudia Nogueira Saraiva¹, Alyne Vasconcelos de Oliveira², Marco Aurelio Chaparro Armoa³,
Anna Rosa Barbosa da Silva⁴, Laura Pereira Faria⁵, Andrina Pereira de Araújo⁴,
Fernanda Delmondes Ferreira⁶, Pâmela Cristina Gonçalves Cruz Leles²,
Eduarda Aparecida Pereira², Antônio Alves de Araújo Júnior⁷

RESUMO

As infecções sexualmente transmissíveis (IST), incluindo o HIV/AIDS, representam um desafio global de saúde pública, afetando principalmente jovens e causando impactos significativos na saúde reprodutiva e infantil. Apesar das campanhas de conscientização, fatores comportamentais e sociodemográficos continuam a aumentar a exposição a essas infecções, especialmente entre grupos vulneráveis. Este estudo visa analisar o perfil epidemiológico das internações por HIV em crianças e adolescentes no Brasil nos últimos cinco anos, identificando tendências temporais, padrões geográficos e características sociodemográficas específicas desse grupo, contribuindo para o desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes. Utilizou-se uma abordagem ecológica, descritiva, quantitativa e retrospectiva, com dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS) e revisão bibliográfica em bases científicas. Foram analisadas variáveis como idade, sexo, cor/raça, região de internação, caráter de atendimento e custo do serviço. Observou-se uma queda nas internações por HIV após 2019, atribuída à pandemia de COVID-19, que afetou a testagem e tratamento. As internações foram mais frequentes entre adolescentes de 15 a 19 anos, com distribuição equitativa entre sexos e predominância entre pardos. Os resultados destacam avanços no diagnóstico precoce e tratamento do HIV, sugerindo a eficácia de políticas de saúde pública focadas na redução de internações e melhor qualidade de vida para adolescentes vivendo com HIV/AIDS no Brasil. No entanto, há necessidade contínua de estudos e intervenções direcionadas para mitigar disparidades e melhorar o acesso aos cuidados de saúde nessa população vulnerável.

Palavras-chave: Hospitalização; Morbidade; Saúde Pública; Adolescente; Crianças; Infecções por HIV.

ABSTRACT

Sexually transmitted infections (STIs), including HIV/AIDS, pose a global public health challenge, predominantly affecting young people and significantly impacting reproductive and child health. Despite awareness campaigns, behavioral and sociodemographic factors continue to increase exposure to these infections, particularly among vulnerable groups. This study aims to analyze the epidemiological profile of HIV hospitalizations among children and adolescents in Brazil over the last five years, identifying temporal trends, geographic patterns, and specific sociodemographic characteristics of this group, contributing to the development of more effective public policies. An ecological, descriptive, quantitative, and retrospective approach was employed using data from the Brazilian Unified Health System Hospital Information System (SIH/SUS) and a review of scientific literature. Variables analyzed included age, sex, race/ethnicity, region of hospitalization, care type, and service cost. A decline in HIV hospitalizations post-2019 was observed, attributed to the COVID-19 pandemic, which impacted testing and treatment. Hospitalizations were more frequent among adolescents aged 15 to 19 years, evenly distributed between sexes, and predominantly among individuals of mixed race. The results highlight advances in early HIV diagnosis and treatment, suggesting the effectiveness of public health policies focused on reducing hospitalizations and improving quality of life for adolescents living with HIV/AIDS in Brazil. However, ongoing studies and targeted interventions are needed to mitigate disparities and enhance healthcare access for this vulnerable population.

Keywords: Hospitalization; Morbidity; Public Health; Adolescent; Child; HIV Infections.

Autor de correspondência

Alyne Vasconcelos de Oliveira
alynevasconcelos89@gmail.com

1-Faculdade Nove de Julho (UNINOVE)
2-Faculdade Santa Rita de Cássia (IFASC)
3-Faculdade de Medicina na Universidade Maria Auxiliadora
4-Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)
5-Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
6-Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)
7-Universidade de Uberaba (UNIUBE)

INTRODUÇÃO

As infecções sexualmente transmissíveis (IST) representam um grave problema de saúde pública no Brasil e no mundo devido ao aumento constante do número de casos e ao fato de estarem entre as doenças mais comuns, afetando principalmente a população jovem. Além disso, causam sérios impactos na saúde reprodutiva e infantil, podendo levar à infertilidade e a complicações durante a gestação e o parto. Apesar das campanhas de conscientização e prevenção, os fatores comportamentais e sociodemográficos têm aumentado a exposição dos indivíduos a essas infecções, especialmente entre grupos populacionais vulneráveis⁽¹⁾.

O Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) é um retrovírus que pode infectar humanos através de relações sexuais, contato sanguíneo e transmissão de mãe para filho. Sem tratamento, a infecção pode evoluir para a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), marcada pela destruição dos linfócitos T-C4+ e uma redução significativa na imunidade, tornando o corpo suscetível a infecções oportunistas e cânceres. Embora existam tratamentos que reduzem a carga viral, a infecção pelo HIV ainda é um grande desafio de saúde pública global, com novos casos aumentando e muitas pessoas vivendo sem diagnóstico^(2,3).

Os principais sintomas incluem febre, surgimento de gânglios, aumento do baço (esplenomegalia), aumento do fígado

(hepatomegalia), alterações bucais, alterações cardíacas e, em casos mais graves, inflamação nas meninges. A diminuição da imunidade torna o indivíduo mais vulnerável a infecções oportunistas, como toxoplasmose cerebral, tuberculose, HPV, pneumonia, entre outras⁽⁴⁾.

Na atualidade, a discussão sobre aids e prevenção do HIV tem sido negligenciada entre os jovens, que frequentemente não encontram esses temas nas redes sociais e mídias que acessam, nem nas escolas devido ao enfraquecimento do Programa Saúde na Escola e o aumento do movimento Escola sem Partido. Esta lacuna na educação impacta diretamente nas concepções e práticas dos jovens, potencialmente contribuindo para uma redução no uso de preservativos⁽⁵⁾.

Existe o tratamento medicamentoso antirretroviral que é crucial, juntamente com o acompanhamento integral da pessoa com aids por uma equipe multiprofissional, que visa compreender e atender às diversas necessidades desse indivíduo. Entre essas necessidades, destaca-se o papel fundamental do suporte psicológico, que não apenas ajuda no manejo do sofrimento psicológico, mas também impacta diretamente na qualidade de vida, assim, diminuindo as interações⁽⁶⁾.

Apesar dos esforços dos profissionais de saúde, ainda existem disparidades significativas na morbidade e mortalidade por HIV entre adolescentes e jovens. Indivíduos vivendo com HIV precisam de assistência contínua, o que pode resultar em negligência no autocuidado, agravamento da condição clínica e hospitalizações frequentes.

É crucial identificar os casos que necessitam de hospitalização e reconhecer populações vulneráveis, como adolescentes e jovens, para melhorar o acesso ao diagnóstico precoce, prevenção de outros problemas de saúde e monitoramento das comorbidades. Esses fatores são essenciais para a formulação e revisão de políticas públicas mais eficientes e integradas, levando em conta os territórios e situações de vulnerabilidade. No entanto, há uma falta de estudos focados em adolescentes e jovens vivendo com HIV/AIDS, destacando a necessidade de mais pesquisas nesta área ⁽³⁾.

Portanto, este estudo visa analisar o perfil epidemiológico e sociodemográfico das internações por HIV em crianças e adolescentes no Brasil nos últimos cinco anos. O objetivo é investigar as tendências temporais dessas internações, identificando padrões geográficos, faixas etárias mais afetadas e características sociodemográficas específicas desse grupo populacional. Os resultados esperados contribuirão para o desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes e direcionadas, visando melhorar a qualidade de vida e reduzir as taxas de internação entre crianças e adolescentes vivendo com HIV/AIDS no Brasil.

METODOLOGIA

Este estudo foi conduzido como um estudo ecológico, descritivo, quantitativo e retrospectivo. Os dados foram obtidos a partir do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de

Saúde (SIH/SUS) disponíveis no TABNET, abrangendo um período de cinco anos. As variáveis analisadas incluíram internações por doença pelo vírus da imunodeficiência humana [HIV], faixa etária, sexo, cor/raça, região de internação, caráter de atendimento e valor do serviço ⁽⁷⁾.

A análise focou-se nas internações por HIV em crianças e adolescentes no Brasil, buscando identificar padrões geográficos, demográficos e socioeconômicos relacionados às hospitalizações nesse grupo específico. Além da análise dos dados do SIH/SUS, foi realizada uma revisão bibliográfica em bancos de dados científicos como PubMed, SciELO e revistas científicas, para contextualizar os resultados encontrados e fundamentar discussões sobre políticas públicas e práticas de saúde voltadas para essa população.

Espera-se que os resultados contribuam para melhorar o entendimento sobre os determinantes das internações por HIV em crianças e adolescentes, fornecendo subsídios para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes de prevenção, diagnóstico e tratamento no Brasil.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Com base na análise dos dados fornecidos, que totalizam 3.309 casos de internação de crianças e adolescentes por HIV no Brasil nos últimos cinco anos, podemos

observar uma tendência de queda nas internações ao longo desse período:

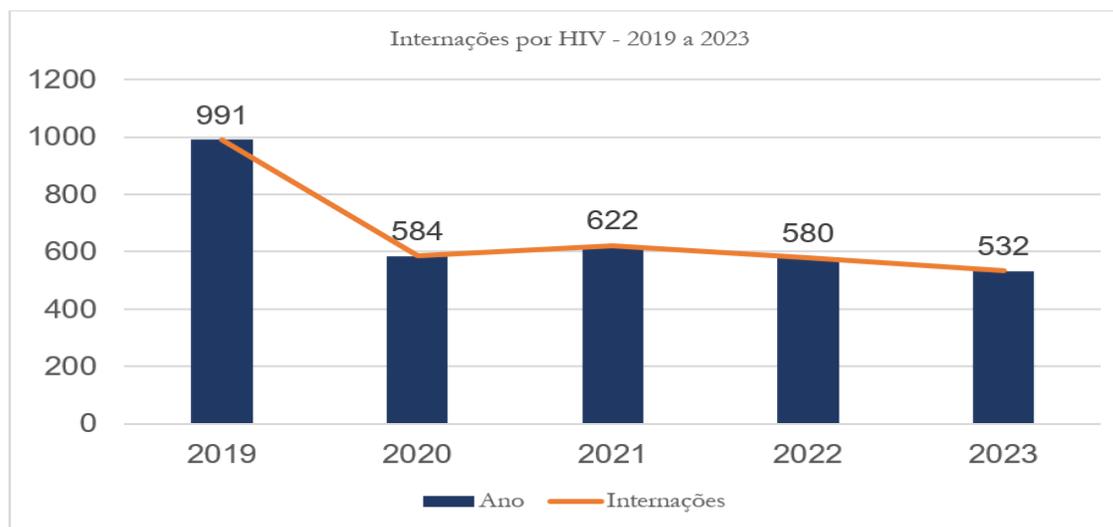


Gráfico 1 – Internações por HIV de crianças e adolescentes no período de 2019 a 2023, no Brasil. Autoria própria, 2024.

Estes números mostram uma tendência de queda nas internações por HIV ao longo dos anos estudados. Em 2019, houve o maior número de internações, com 991 casos, seguido de uma redução significativa para 584 em 2020. Nos anos subsequentes, as internações se mantiveram abaixo de 650 casos anuais.

A queda nos valores de internações por HIV em 2020 pode ser atribuída à pandemia de COVID-19, que impactou a testagem e tratamento do HIV devido à subnotificação de casos. Este fenômeno foi observado em outros estudos, sugerindo uma diminuição nas atividades de saúde devido às normas restritivas de isolamento, que limitaram o funcionamento regular de serviços de saúde tanto públicos quanto privados. Estes serviços foram priorizados para casos de urgência e emergência, conforme diretrizes emitidas durante a pandemia para

conter a disseminação da COVID-19 no Brasil⁽⁸⁾. Estudos indicam uma redução na mortalidade por AIDS, mas apesar dos avanços na prevenção e tratamento do HIV/AIDS no Brasil, a AIDS continua sendo a quarta principal causa de morte no país. Portanto, é crucial a realização de mais estudos para entender melhor os fatores que contribuem para essa realidade⁽¹⁰⁾.

Nos anos subsequentes à pandemia de COVID-19, ainda é observada uma redução nas internações por HIV. Isso sugere um possível avanço no diagnóstico precoce e tratamento da infecção, especialmente entre adolescentes. Com os contínuos avanços na medicina e o desenvolvimento de técnicas diagnósticas e terapêuticas mais eficazes, é provável que a detecção precoce do vírus e o início imediato do tratamento tenham contribuído para essa queda, prevenindo complicações graves que exigiriam

hospitalização. Esses resultados destacam a importância contínua de políticas de saúde que promovam o acesso e a adesão ao tratamento do HIV ⁽¹¹⁾.

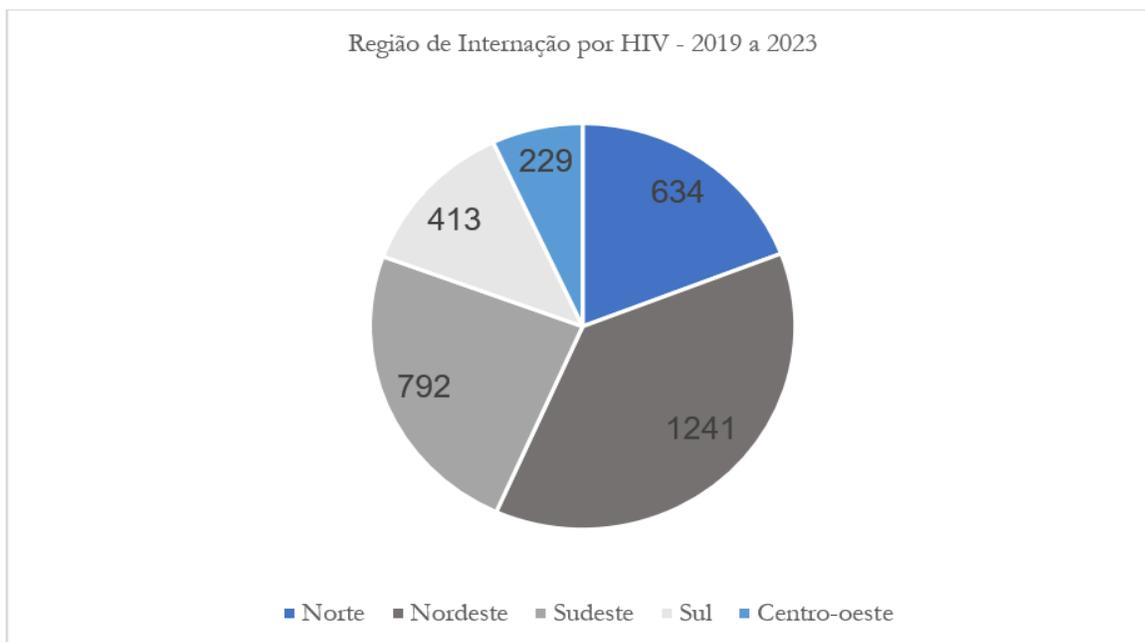


Gráfico 2 - Internações de crianças e adolescentes por região no Brasil, devido HIV, 2019-2023. Autoria própria, 2024.

Os números de internações mostram uma distribuição variável das internações por HIV ao longo das regiões brasileiras, destacando uma maior incidência no Nordeste, seguido pelo Norte e Sudeste. Esta informação sugere que há uma tendência de agrupamento dos casos de HIV em áreas metropolitanas e em municípios com população superior a 100 mil habitantes ⁽¹²⁾.

Características	Nº Total 3.309	Nº 100%
Idade		
Menor 1 ano	545	16,47%
1 a 4 anos	279	8,43%
5 a 9 anos	318	9,61%
10 a 14 anos	319	9,64%
15 a 19 anos	1.848	55,85%
Sexo		
Masculino	1.388	41,95%
Feminino	1.921	55,85%
Cor/Raça		
Branca	558	16,86%
Preta	199	6,01%
Parda	1.615	48,81%
Amarela	45	1,36%
Indígena	8	0,24%
Sem informação	884	26,72%

Tabela 1 – Perfil epidemiológico de crianças e adolescentes internados por HIV no Brasil, 2019-2023. Autoria própria, 2024.

As características das internações por HIV mostram que a maioria dos casos ocorre em adolescentes, com idades entre 15 e 19 anos representando 55,85% do total, essa maior incidência pode ser atribuída a diversos fatores, como o início precoce da prática sexual, o envolvimento em múltiplos parceiros, a falta de proteção durante as relações sexuais e determinantes sociais adversos, como marginalização, preconceito, exclusão e violência. Esses elementos contribuem para aumentar a vulnerabilidade à infecção e sua disseminação na população afetada ⁽³⁾.

Quanto ao sexo, há uma distribuição próxima entre homens (41,95%) e mulheres (55,85%), a infecção pelo HIV/AIDS está cada vez mais afetando mulheres, um fenômeno conhecido como feminização da epidemia, o que tem levado a uma diminuição na proporção entre os sexos de internação que até então era mais comum em homens, mas sabe-se também que culturalmente, o cuidado da saúde, tem sido tradicionalmente associado ao papel feminino. Isso ocorre porque os homens são frequentemente ensinados desde jovens a serem fortes e a não demonstrarem fraquezas, o que pode levá-los a negar-se a procurar ajuda quando enfrentam vulnerabilidades em relação à sua saúde ^(3,6).

Em relação à cor/raça, a maioria dos casos ocorre em pessoas pardas (48,81%), seguidas por brancas (16,86%) e pretas (6,01%). Em 2022, o IBGE conduziu o Censo para

analisar a autodeclaração de cor ou raça da população brasileira. Neste censo, foi observado que pela primeira vez desde 1991, a maior parte dos brasileiros (45,3%) se identificou como parda, totalizando aproximadamente 92,1 milhões de pessoas. A população branca representou cerca de 43,5% (88,2 milhões), enquanto a população preta foi de 10,2% (20,6 milhões), a população indígena foi de 0,6% (1,2 milhão) e a população amarela foi de 0,4% (850,1 mil). Esses dados corroboram e explicam o perfil observado nos casos de internação por HIV, conforme registrado nessa pesquisa ⁽¹³⁾.

Os dados do SIH/SUS revelam que houve 676 casos de atendimentos eletivos e 2.633 casos de urgência, resultando em um custo total de serviços de 3.712.180,09 reais. Este cenário representa uma preocupação significativa para a saúde pública, dado o impacto considerável nos custos associados ao sistema de saúde. Os resultados das internações segundo o regime podem estar relacionados à falta de testagem precoce, resultando no desconhecimento da positividade e, conseqüentemente, na falta de busca por tratamento. Isso é exacerbado pela alta incidência de não adesão aos medicamentos nos primeiros meses de tratamento e pelo uso irregular da terapia antirretroviral (TARV), especialmente em crianças e adolescentes. Esses fatores contribuem para o aumento das condições médicas adicionais associadas à infecção por HIV/AIDS e, conseqüentemente, para um aumento nas internações de emergência, frequentemente devido a infecções oportunistas ⁽⁶⁾.

CONCLUSÃO

A análise dos dados revelou uma tendência de queda nas internações por HIV ao longo dos anos estudados, com um pico em 2019, seguido por uma redução significativa em 2020, influenciada pela pandemia de COVID-19 que limitou a testagem e tratamento do HIV. Essa redução continuou nos anos subsequentes, sugerindo avanços no diagnóstico precoce e tratamento, especialmente entre adolescentes. A distribuição geográfica mostrou maior incidência no Nordeste, seguido por Norte e Sudeste, refletindo possíveis desigualdades de acesso e condições socioeconômicas. As características demográficas indicaram que a maioria das internações ocorreu em adolescentes de 15 a 19 anos, com distribuição equitativa entre sexos e predominância entre pardos, seguidos por brancos e pretos. O elevado número de internações de urgência eletivas e o custo associado sublinham a necessidade de estratégias mais eficazes de prevenção, diagnóstico precoce e tratamento do HIV/AIDS, especialmente entre crianças e adolescentes vulneráveis no Brasil.

REFERÊNCIAS

1. JESUS, S. J. A.; LUIZ, O. C.; SILVA, C. A. L.; JUNIOR, N. S. R.; FILHÓ, A. M. S.; ARAÚJO, E. M. Sífilis e HIV/aids nas regiões de saúde da Bahia: uma abordagem ecológica. *Revista Baiana de Saúde Pública*, [S. l.], v. 46, n. 3, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22278/2318-2660.2022.v46.n3.a3726>.
2. QUINTÃO, B. L. M.; et al. Comparative analysis of HIV cases in Latin America. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 11, n. 16, 2022. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i16.37843>.
3. PIRAN, C. M. G. et al. Tendências de internações por HIV/AIDS em adolescentes e jovens na região sul do Brasil. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, [S. l.], v. 27, n. 7, p. 3761–3772, 2023. DOI: <https://doi.org/10.25110/arqsaude.v27i7.2023-033>.
4. SILVA, L. T. M. et al. Análise do perfil epidemiológico de internações por AIDS no Brasil entre 2019 a 2023. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 2420–2430, 2024. DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n4p2420-2430>.
5. KNAUTH, D. R.; PILECCO, F. B. Aids e prevenção do HIV entre adolescentes e jovens em seis municípios brasileiros. *Saude soc.*, v. 33, n. 1, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902024230789pt>.
6. SANTOS, A. C. F. et al. Perfil epidemiológico dos pacientes internados por HIV no Brasil. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. sup. N, 48, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e3243.2020>.
7. Ministério da Saúde. DATASUS. Tabnet. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2024.
8. SANTOS, M. C.; NUNES, G. M.; BRAGA, M. M. A.; CHAVES, S. L.; MAUÉS, F. C.J.; ALMEIDA, A. C. G. Perfil epidemiológico de HIV no período de pandemia da COVID-19 no município de Manaus, no estado do Amazonas. *Revista Contemporânea*, v. 3, n. 12, 2023. DOI: <https://doi.org/10.56083/RCV3N12-246>.
9. DIAS, W. A.; CALDAS, H. N.; GASPAR, L. A. O impacto da pandemia da COVID-19 no diagnóstico e terapia do HIV/AIDS na região Nordeste do Brasil. *Caderno de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde - UNIT - SERGIPE*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 48–62, 2023.
10. LINS, M. E. V. S. et al. Perfil epidemiológico de óbitos por HIV/AIDS na região nordeste do Brasil utilizando dados do sistema de informação de saúde do DATASUS. *Brazilian Journal of Health Review*, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 2965–2973, 2019. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv2n4-061>.
11. VALE, G. F. et al. Internações e mortalidade por HIV em pacientes infanto-juvenil. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v. 9, n. 8, p. 23188–23200, 2023. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv9n8-006>.
12. PEREIRA, G. F. M.; PIMENTA, M. C.; GIOZZA, S. P.; CARUSO, A. R.; BASTOS, F. I.; GUMARÃES, M. D. C. HIV/aids, hepatites virais e outras IST no Brasil: tendências epidemiológicas. *Ver. Bras. Epidemiol.*, v. 22, n. Suppl 1, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-549720190001.supl.1>.
13. IBGE. Conheça o Brasil: Cor ou raça. 2022. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>.

Observação: os/(as) autores/(as) declaram não existir conflitos de interesses de qualquer natureza.